



SERÁ QUE REALMENTE EXISTE SEXO SEGURO? DISCURSOS DE PROFESSORAS SOBRE SEXUALIDADE E SAÚDE APÓS CONTATO COM MATERIAL EDUCATIVO IMPRESSO

Autores. Lais de Souza Machado. Marcos de Souza Lopes. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia (UniFtc) de Jequié-BA/Brasil, laimachado18@gmail.com. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) de Jequié BA/Brasil, markuslopessouza@gmail.com.

Tema. Eixo temático 2

Modalidad.1. Nivel educativo universitario.

Resumo. Nesse estudo buscamos analisar os discursos de professoras da área de Ciências Naturais após contato com Material Educativo Impresso, utilizado como mediador em espaço formativo sobre sexualidade e saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada em referenciais pós-críticos, realizada com três docentes que lecionam o componente curricular Educação para a Sexualidade em uma escola do Ensino Fundamental, no interior da Bahia/Brasil. Os resultados mostram a predominância de discursos que problematizam o termo “sexo seguro”, suscitando discussões em torno da produção social das diferenças de gênero e dos relacionamentos, ditos monogâmicos, enquanto fatores de aumento da vulnerabilidade ao HIV/aids. A percepção da utilização do artefato cultural como estratégia potente para discussões sobre diversidade sexual e respeito às diferenças também esteve presente nos discursos das professoras, caracterizando tentativas de escape de abordagens focadas no biológico.

Palabras claves. Artefatos culturais, Espaços formativos, Educação para a sexualidade, Ciências Naturais, Diversidade sexual.

Introdução

Richard Parker (1991) afirma que a vivência da sexualidade, como toda experiência humana, é fruto de construções sociais, culturais e históricas. Foucault (1988) corrobora tal pensamento ao defender que o próprio conceito de sexualidade nasceu como a justa medida de separação entre normalidade e anormalidade e, portanto, é uma construção histórico-cultural. Nesse sentido, conseguimos pensar determinados materiais educativos sobre sexualidade enquanto também carregados de significados que refletem e reproduzem as marcas de determinada sociedade.

Diante disso, assumimos aqui os Materiais Educativos Impressos (MEI) como artefatos culturais a partir da compreensão dos múltiplos produtos, espaços e práticas enquanto produtores de sentidos e, portanto, dotados de pedagogia (SILVA, 2009). Muitos desses materiais, inclusive, surgem em cenários de conflitos sociais, políticos e de afirmação das diferenças, evidenciando que além de conteúdos informativos eles também trazem histórias de lutas e resistências e, por isso, possuem múltiplos significados a serem problematizados e explorados para (re)pensar o processo educativo em sexualidade nas escolas.

Tendo dito isto, consideramos relevante questionar quais discursos e que posições de sujeito são (re)produzidas por professoras da área de Ciências Naturais que lecionam o componente curricular Educação para a Sexualidade (EPS), mediante o contato com tais artefatos culturais, sendo eles (re)produtores e divulgadores de significados em sexualidade?

Nesse sentido, buscamos analisar suas produções discursivas sobre sexualidade em sua interface com as questões de saúde, durante espaço de formação continuada sobre o tema.

Referencial teórico

O estopim da concepção sobre sexualidade, cuja preocupação passou a ser o cuidado com o corpo e a proteção contra os supostos perigos inatos a ela, ocorreu no início da década de 1980 com o advento da aids. Nesse período, diversos estudos e intervenções de caráter preventivo, higienista e epidemiológico passaram a ser realizados de acordo com o modo essencialista de pensar a sexualidade, focalizando as práticas e comportamentos sexuais em busca de sua normatização e controle (Parker, 1994).

O início da epidemia de HIV/aids, marca significamente a associação entre sexualidade e saúde, cujos reflexos são notáveis na nossa maneira atual de classificar e ordenar a sexualidade (Foucault, 1988). Um dos pontos de destaque dessa herança diz respeito ao discurso de controle dos corpos que atualmente se apropriou da ideia de proteção em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e da gravidez na adolescência. A própria educação para a sexualidade, desenvolvida nas escolas nos dias atuais, surge ancorada nesses objetivos. Portanto, as questões sobre sexualidade e saúde, apesar de já fazerem parte do contexto escolar, carecem de ser problematizadas sob o ponto de vista do conhecimento científico em sua perspectiva histórico-cultural.

Nesse sentido, tomando como base os estudos de Sabat (2001), nos permitimos dizer que os MEI sobre sexualidade e saúde fazem parte de uma complexa rede de poder existente no meio escolar que estabelecem e codificam as possibilidades das sexualidades e dos gêneros. Os fatores que perpassam a elaboração e divulgação desses materiais, além de seu conteúdo propriamente dito, fazem com que sejam importantes para problematizações sobre sexualidade e saúde, na busca de uma educação para a sexualidade menos prescritiva e essencialista.

Assim, os materiais educativos, quando explorados como artefatos culturais, podem se constituir como instrumentos potentes para a formação continuada de professores/as pois, a partir deles, inúmeras possibilidades discursivas sobre a interface entre sexualidade e saúde podem ser colocadas em movimento.

Metodologia

Esse é um estudo qualitativo pautado em referenciais pós-críticos que faz parte de uma pesquisa de mestrado acadêmico concluída, na qual desenvolvemos espaços formativos sobre a sexualidade em sua interface com as questões de saúde com três professoras da área de Ciências Naturais, que lecionam o componente curricular Educação para a Sexualidade em uma escola do município de Jequié, no interior da Bahia-Brasil. Para a construção da proposta formativa, nos inspiramos no saber da experiência discutido por Jorge Larrosa e exploramos diversos materiais educativos, provenientes de instâncias distintas, para mediação das discussões sobre saúde e sexualidade.

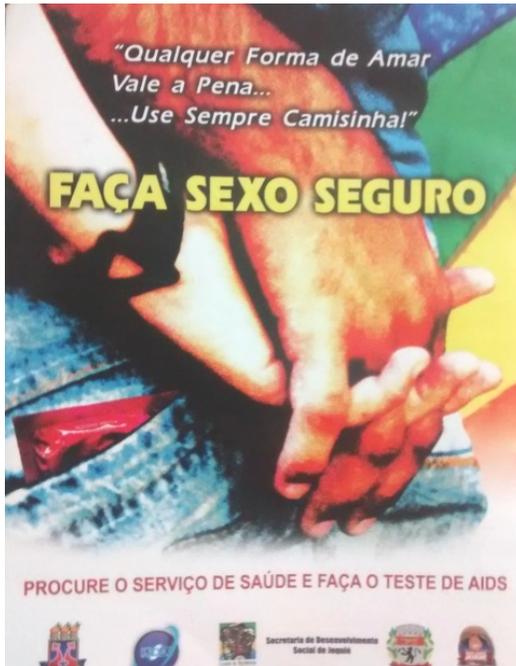
Esse trabalho se debruça sobre as análises dos discursos das professoras durante um desses espaços formativos, que foi mediado por MEI. Trazemos aqui os discursos das três professoras, identificadas pelos nomes de deusas associadas ao prazer, amor e erotismo: Innana, Afrodite e Vênus, a partir do contato com o artefato intitulado: *"Faça sexo seguro"*. O material foi produzido pela Secretaria de Desenvolvimento Social de Jequié-BA em parceria com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e fez parte de uma campanha voltada à prevenção e ao incentivo à realização da testagem para HIV/aids.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

O artefato *"Faça sexo seguro"* é um panfleto que traz ao fundo uma única imagem ampliada de mãos dadas, representando um casal. As mãos encontram-se próximas ao bolso traseiro de uma das pessoas retratadas na cena, onde se pode observar parte da embalagem fechada de preservativo masculino. Ao fundo dessa imagem, um cenário colorido em tons de azul, verde, amarelo e vermelho se destacam; e sobre a imagem se encontra o título em caixa alta e fonte em cor amarela. Acima do título, o artefato apresenta, entre aspas, a seguinte mensagem: *"Qualquer forma de amar vale a pena... use sempre camisinha!"* Na parte inferior do panfleto a seguinte orientação pode ser observada: *"procure o serviço de saúde e faça o teste de aids"* (Figura 1).

Figura 1. Panfleto *"Faça sexo seguro"*.



Fonte. Secretaria de Saúde de Jequié (2014)

As falas das professoras, após contato com o material, foram gravadas em áudio, transcritas e categorizadas. O caminho que escolhemos para análise dos dados foi inspirado na problematização segundo Foucault, que foi explorada por James Marshall, para quem esta não se resume às questões metodológicas, mas implica assumir o caráter político daquilo que fazemos. Para além disso, problematizar, segundo o autor, também consiste em questionar o conjunto de significados de determinado objeto de estudo, considerando todas as suas possibilidades de descobertas (Marshall, 2008). Para análise, operamos ainda com o discurso, tendo como base os estudos foucaultianos.

Resultados e discussão

Após apresentação do MEI, Vênus e Innana destacaram o título como elemento a ser problematizado no artefato. Vênus fez um questionamento sobre a existência do dito “sexo seguro” trazendo um exemplo pessoal em que faz uma associação com a noção de vulnerabilidade:

Será que realmente existe sexo seguro? Até a gente que é casada, que tem marido e que não tem outro relacionamento pode estar exposta! Não é verdade? Porque você sabe de si, mas e do outro? (Vênus)

Ao por em dúvida a existência do sexo seguro, a professora nos fez atentar para a polissemia que essa expressão carrega. Afinal, “sexo seguro” se resume ao uso do preservativo? Será que reduzir as estratégias preventivas a esse contexto é prudente, tendo em vista as muitas formas de viver os prazeres afetivos e sexuais? Sobre isso Meyer, Klein e Andrade (2007) ponderam que, talvez, essa fixidez do conteúdo que atribuímos à noção de “sexo seguro” não se articule com aquele discurso mais amplo da cultura que, crescentemente, associa o prazer da sexualidade às saídas de rotina e às novas experimentações.

Quando Vênus fala: “até a gente que é casada...” ela parece entender o matrimônio enquanto lugar legítimo da sexualidade, como pressupõe os discursos disciplinadores dos séculos XIX e XX (Foucault, 1988). Em relação à instituição matrimonial como sinônimo de segurança sexual, Innana contextualiza a ideia social a respeito dessa questão ao compartilhar uma vivência:

Eu falei com uma colega que eu usava preservativo e ela disse que também usava; e nessa época, nossos maridos moravam em outra cidade por causa do trabalho. Ai outra colega chegou e ficou ouvindo a nossa conversa e depois fez a maior crítica: Haa, eu acho isso um absurdo! O que os maridos de vocês vão pensar? (Innana)

Vênus acredita que o casamento, embora não o faça, deveria lhe proporcionar maior segurança e Innana relatou fazer uso do preservativo, mas destacou que essa utilização estava atrelada ao período em que o conjulgue passava muito tempo fora de casa a trabalho. Nesse sentido, consideramos que as percepções das professoras em relação ao uso do preservativo nas relações consideradas estáveis são um avanço no que diz respeito à autonomia e empoderamento feminino nas estratégias preventivas ao HIV/aids.

Entretanto, também conseguimos identificar situações perigosas em ambos os discursos, especialmente, pelo risco de que se por algum motivo, nas relações estáveis, se sinta que a confiança é real ou foi restabelecida, o preservativo é deixado de lado em nome da manutenção do título de instituição pura e sagrada do matrimônio e/ou pela estabilidade da relação.

Partindo do questionamento feito a Innana por uma colega sobre o que seu marido iria pensar diante de sua decisão por utilizar o preservativo, consideramos ainda mais importante a problematização desse e de outros materiais educativos cujas “abordagens centram-se na informação sobre o risco das relações desprotegidas e da necessidade de negociar o “sexo seguro” com o/a parceiro/a, sem levar em conta as condições estruturais que definem posições de poder e subordinação” (Santos, 2006, p. 03), que ainda perpassam muitas relações afetivo-sexuais.

Outro aspecto que chamou atenção durante a problematização desse artefato foi a percepção de uma das professoras sobre a imagem de fundo do panfleto. De acordo com Afrodite, as mãos dadas sem identificação/marcas de gênero e as cores diversas presentes no conteúdo visual do artefato, sugerem a existência de uma mensagem sobre o respeito às diferenças;

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

elemento que considerou muito potente. Diante disso, ela vislumbrou novas possibilidades de trabalhar com o artefato em sala de aula, utilizando a pedagogia visual como ponto de partida para discutir diversidade sexual e de gênero.

No caso, eu trabalharia a questão da diversidade. Porque nessa fase, tem meninos que tem orientação pra ser homossexual e não se aceita por medo de estar fazendo alguma coisa errada. Mas, ele tem que entender que pode ser feliz. Não é só mulher com homem! E vai existir alguém no mundo que gosta dele do jeito que ele é. Ai tem alunos que falam assim: -Ha, se for um filho meu eu mato! Eu digo: - Não! Se for um filho seu você vai amar do mesmo jeito! Então, é uma maneira de a gente trazer isso para a realidade daquelas minorias que se sentem fora do contexto da normalidade (Afrodite).

Analisando a fala de Afrodite, podemos inferir que o conteúdo visual do panfleto se fez importante, não apenas pela mensagem que veicula, mas pelas circunstâncias e experiências que a levaram a dar significado próprio a tais imagens e perceber nela uma possibilidade educativa e não apenas informativa e/ou prescritiva. Tal percepção nos alerta para a importância da subjetividade na construção de significados sobre sexualidade e saúde a partir da pedagogia visual, na medida em que a interpretação daquilo que se vê diz muito sobre quem vê.

Por fim, Afrodite parece compreender a necessidade de a escola trabalhar com as questões sobre as diferenças por compreender a importância de debates voltados ao respeito às sexualidades dissidentes. Nesse sentido, percebe no artefato um possível ponto de partida para tais discussões. Sobre esse posicionamento da professora, Meyer, Klein e Andrade (2007) defendem que as discussões a respeito de gênero, sexualidade, prazer, corpo e saúde envolvem dimensões políticas e sociais que estão profundamente implicadas com a escola e com a atividade dos/as professores/as.

Considerações finais

Sobre os resultados desse estudo, o que podemos dizer é que, de forma geral, os discursos de Innana, Afrodite e Vênus durante o contato com os MEI parecem ainda constituir um complexo sistema de preocupações com a saúde corporal, que se reflete na educação para a sexualidade desenvolvida nas escolas. Nesse sentido, tomam a preocupação com os aspectos preventivos enquanto prioridade a tal ponto de não perceberem as marcas das distinções de gênero e a produção do matrimônio enquanto lugar que deveria garantir uma suposta segurança sexual, presentes em seus discursos. Assim, consideramos ser necessário problematizar tais discursos, inclusive, para que a sua naturalização no ambiente escolar seja confrontada, a fim de dirimir os possíveis fatores que levem ao aumento da vulnerabilidade de professores/as e estudantes.

Por outro lado, foi possível observar escapes importantes no discurso de Afrodite ao perceber o material educativo enquanto potente no trabalho com as questões da diversidade sexual e do respeito às diferenças. Tal escape percebido no discurso da professora, nos remete a Marluce Paraíso quando diz que “educamos e pesquisamos em um tempo diferente” (Paraíso, 2012 p. 28) e tempos diferentes necessitam de novos olhares e novas estratégias interpretativas e metodológicas que nos possibilitem questionar e problematizar a educação para a sexualidade das escolas atuais, colocando sob suspeita os discursos sobre sua interface com as questões de saúde.

Referencias bibliográficas

- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- SILVA, T. T da. (2009). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. (3. ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Parker, R. (1991). *Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: BestSeller.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista *Tecné, Episteme y Didaxis: TED*. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

-
- Parker, R. (1994). Diversidade sexual, análise sexual e a educação sexual sobre a Aids no Brasil. In: LOYOLA, M. A. (org.). *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciencias humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, 9 (1), p. 04-21.
- Meyer, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. (2007). *Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: Implicações educativas*. *Educação em Revista*, (46), p. 219-239.
- Santos, L. H. S. dos; OLIVEIRA, D. L. C. L. (2006). *Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia*. Anais da 29ª reunião da Anped.
- Paraíso, M. A. (2012). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza.
- Marshall, J. (2008). Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M. A.; BESLEY, T. (orgs.). *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed.